

## 2. Xorca de ouro de Vinhós

Nas proximidades da povoação de Vinhós (Douro), andando uns rapazes a apascentar ovelhas, encontraram uma manilha de ouro, quasi circular, com a face externa convexa, e curva a interna, lisa, sem lavores de especie alguma, tendo de peso 17<sup>g</sup>,090.

Está perfeitamente conservada e foi-me cedida para o Museu Ethnologico, com o maior desinteresse, pelos Srs. Teixeira, ourives e relojoeiros d'esta villa.

Como esta manilha, com pequenas differenças, foram vendidas em Chaves ao ourives do Porto, Miguel Taveira da Rocha, tres, que elle fundiu no seu estabelecimento ha um anno.

Villa Real de Trás-os-Montes, Agosto de 1905.

HENRIQUE BOTELHO,

---

## Evora-Monte

### I

A evocação do passado de um povo e a contemplação dos monumentos que erigiu, constituem simples gozo para muitos, e só para alguns devoção. Somos dos ultimos, e sentimos por isso confranger-se-nos o coração ao sabermos que vae caminhando em progresso desolador o desmoronamento do castello de Evora-Monte.

Sem falar no norte do país, onde abundam os monumentos ligados á historia patria, já por lendas curiosissimas, já por factos sobejamente comprovados, e nos quaes ha muito que aprender em arte e historia sob os aspectos militar, religioso e heraldico, trataremos agora do castello de Evora-Monte (fig. 1.<sup>a</sup>), padrão de quatro seculos de existencia, erecto ainda por mercê do acaso na provincia alemtejana.

\*

Apaziguada a guerra, que durou seculos, entre christãos e muçulmanos, jazeu ainda por largos annos esquecida, no ermo dos seus montados, a villa de Evora-Monte até o dia 13 de Janeiro de 1344 (era de Cesar), em que *por mandado do mui nobre senhor D. Denis* foi começado aquelle castello, como se lê numa inscripção gravada sobre uma das portas das muralhas exteriores denominada do Freixo; todavia, parece que já a esse tempo ali existiam quaesquer fortificações;

nem mesmo seria provavel que uma posição tão vantajosa para as guerras d'aquelle tempo estivesse desprovida dos meios então usados para defender as povoações mais importantes do ataque dos inimigos.

Não será portanto temerario aventar que D. Denis, apreciando devidamente a posição estrategica, como fez a tantos outros logares e villas do Alemtejo, ali mandasse levantar um novo castello e concertar os seus ameados muros, que hoje mesmo conservam ainda aspecto de antiguidade muito maior.

Sem escarpados que offereçam insuperavel difficuldade de accesso ao inimigo, não é comtudo facil transpor de golpe as encostas do famoso morro, mercê da sua forte inclinação. O planalto é coroado pela



Fig. 1.<sup>a</sup> — Castello de Evora-Monte

villa *cercada* de onde se disfruta dilatado horizonte, cujos confins ao norte são limitados pelas serras de Portalegre, ao sul pela de Ossa e ao nascente por terras de Hespanha; ao poente perde-se em faixa monotonna de uniformidade que faz presentir a proxima bacia do Tejo.

É constituido o castello de Evora-Monte em planta por um grande quadrado, cujos lados são levemente concavos e rematados em cada angulo por quatro enormes torres circulares a toda a altura, especie de baluartes que dão ao conjunto exterior o aspecto de força e o character romano de que tambem são exemplos, entre outros, os castellos de Villa Viçosa e Alvito. Duas d'estas torres acham-se já hoje por terra, mercê do abandono a que tudo foi votado.

Ao nível dos seus dois principaes pavimentos existem exteriormente em toda a periphéria da edificação, como que a demarcá-los, dois grossos cordões que graciosamente atam as suas extremidades nas suas quatro faces, ornamento este que só nos monumentos manuelinos se observa hoje, e vem no caso presente fazer alguma confusão.

Será esta parte obra da renascença depois que em 1531 um terremoto abalou aquellas paragens, ou já no tempo de D. Denis se usou d'aquelle motivo ornamental?

Os seus dois pavimentos são formados por abobadas em artesões que se apoiam em oito famosas columnas de rendilhado normando (quatro por cada pavimento), nas quaes alguém descobre traços e indícios de um gothico indeciso ainda para a epoca da construcção, abobadas e columnas estas que ameaçam derruir por completo, por malevolencia dos gaiatos que, procurando refugio no ermo d'aquellas historicas paredes, ali dão largas ao seu genio ignorante e destruidor.

\*

Evora-Monte tem o seu nome gravado na historia para não mais desaparecer, depois que nesta villa, dentro das muralhas, e em casa do Dr. Joaquim Antonio Dias Saramago, foi assinada a célebre convenção de treguas entre os exercitos realista e libertador, pelo tenente general José Antonio de Azevedo Lemos de uma parte, e os marechaes Duque da Terceira e Conde de Saldanha da outra, em 26 de Maio de 1834.

Foi nesta modesta casa, ainda hoje erecta, que se pôs termo ao regime absoluto que durante sete seculos presidiu aos destinos do país, e foi d'essa pequena casa e d'essa villazinha, ainda hoje de aspecto medieval, que partiu o inicio do periodo de progresso e civilização que tem aumentado a riqueza publica, anno a anno e dia a dia.

O tinteiro que serviu para este célebre acto foi publicado em gravura no n.º 35 do *Occidente*, conservando-se em poder dos descendentes do Dr. Saramago, bem como as canetas e outros objectos dignos de figurarem no nosso museu militar.

\*

Mas voltando ao castello, que contemplou o perpassar de quatrocentos annos, que viu succederem-se quinze ou dezaseis gerações d'esse heroico povo de assinalados feitos em todo o mundo, que resistiu aos embates das invasões estrangeiras como atalaia vigilante nesse descampado Alemtejo onde se feriram muitas das nossas melhores bata-

lhas: jaz hoje numa situação deploravel de abandono, pela incuria ou desleixo d'aquelles a quem incumbe a sua guarda, desleixo e incuria que se repete em todos os edificios similares espalhados pelo país.

Perfeitamente ás escancaras, para o povo ignorante ir pouco a pouco demolindo para utilizar os materiaes em novas construcções, ou só por malvadez, que a acção do tempo vae completando, continuam a conservar-se os antigos castellos portuguezes que não tem ainda podido ser vendidos em praça por quantias irrisorias de 120, 200 e 500 mil réis, como succedeu em Crato, Mourão, etc. . .

Os accessos são difficeis, os carros caros para o transporte da pedra, senão todos já estariam vendidos, todas as inscripções, todos os emblemas perdidos para a historia e para a arte!

Quanto aos que restam, ignora-se quem esteja encarregado da sua guarda; não se sabe a quem pertencem; a autoridade administrativa diz que não é da sua competencia, a militar não existe na localidade, e, se o bom senso de alguém de maior consideração na terra se não impõe, a destruição é rapida e completa.

Mas porque não se aproveitam para a guarda d'estes edificios os veteranos que ha nalgumas terras da provincia, que bem podiam ter sob sua responsabilidade essas moles de pedra dispostas para defender outrora a independencia da patria ameaçada pelo mouro avido de revindicta, ou pelo castelhano raivoso de não poder aniquilar-nos para sempre? É lastimoso, é profundamente lastimoso tudo isto, e comtudo a indifferença publica corre parelhas com tudo isto porque prefere visitar Paris e a Suiça porque é moda, e fazer uma estação de aguas porque é *chic*, a effectuar excursões de estudo aos logares patrios dignos ás vezes de uma epopeia.

(D-O Meridional, n.º 788, de 29 de Novembro de 1906).

## II

Publicamos hoje mais algumas succintas notas sobre esta historica e antiquissima villa do nosso districto que, como já aqui se escreveu mais de uma vez, tem o seu nome ligado a um facto importantissimo da historia nacional!—o termo da guerra fratricida entre miguelistas e constitucionaes.

Acêrca do castello da historica villa, que reproduzimos em gravura no nosso numero de 29 de Julho, e acêrca do seu valor architectonico e archeologico, escreveu o nosso obsequioso collaborador Sr. H. L. um bello artigo, tambem publicado no já alludido numero d-O Meridional.

Nós diremos algumas palavras sobre o seu modo de ser actual, seus recursos agricolas, commercio, vestigios historicos, curiosidades naturaes, vias de communicacão, etc.

Evora-Monte está, actualmente, dividida em duas povoações. Uma é a antiga villa (fig. 2.<sup>a</sup>), hoje reduzida a poucas edificações que dentro das velhas muralhas ainda se conservam de pé—a igreja Matriz, sede de uma das freguesias; a igreja da Misericordia (pequenina mas interessante pelos azulejos que a revestem) e o modesto hospital annexo; os antigos paços do concelho e cadeia; e mais alguns predios particulares que uma entranhada dedicacão ao local ainda conserva. Mas, no dia em que desabarem os dois velhos templos ainda erectos junto ás ruinas da antiga povoação, as poucas familias que ali habitam emigrarão com certeza para a base do monte, onde se está formando agora a moderna villa (fig. 3.<sup>a</sup>).

Esta, por si mesma, é, por enquanto, pequena, se bem que nos ultimos annos tenha tido certo aumento. Quando se der um certo numero de circunstancias, como, por exemplo, a convergencia para aquelle ponto dos principaes elementos da vida local, a criação de uma ou outra industria, o estabelecimento de boas vias de communicacão com as localidades mais proximas, quando estas circunstancias ou algumas d'ellas se derem, a moderna villa de Evora-Monte ha de tornar-se maior e alcançar progressos sob varios pontos de vista. Para a consecucão d'estes fins tambem se deve contar com a cooperacão de seus filhos, que podem e devem, por varias fórmas, trabalhar para o engrandecimento da sua terra.

Merece referencia o procedimento do nosso amigo Sr. tenente-coronel Miguel Antonio Xavier, que, mau grado a quasi total ruina a que está reduzida a antiga povoação amuralhada, teve a coragem de edificar sobre os escombros de um velho predio que herdara de seus paes uma bonita vivenda, que corre o risco de ficar ali, só, como uma sentinella, guardando os logares onde outrora se viveu uma vida movimentada e se desenrolaram importantes factos historicos.

Não se diga, porém, que o Sr. Xavier obedeceu apenas aos impulsos do seu amor ao logar em que nasceu e a saudade por seus paes. Se estes sentimentos imperaram, principalmente, como é natural, no seu animo, deve dizer-se que não podia hygienicamente escolher melhor local para residir, pois a antiga Evora-Monte é constantemente lavada de purissimos ares, que até serviriam a um sanatorio, e do outeiro onde foi edificada disfruta-se um admiravel e vasto panorama. Aos pés do monte começam as grandes herdades, das melhores do districto, que se estendem em todas as direcções, numa extensão de muitos ki-

lometros e cobertas de frondoso e vasto arvoredos; avistam-se de ali Evora, Estremoz, Redondo, Vimieiro, Arraiolos, Pavia e outras localidades, as serras de Ossa, Sousel e S. Mamede e outros pontos curiosos.

A area occupada pelas duas freguesias que hoje constituem Evora-Monte é de muitos kilometros quadrados, cobertos na sua quasi totalidade de vastos sobreiraes, azinhaes e olivedos d'onde todos os annos se extraem muitos milhares de arrobas de cortiça, de carne de porco, de lenha, de carvão e de decalitros de azeite.

Esta importante riqueza agricola tem grande peso no valor economico de Evora-Monte, mas mais valeria se melhor fosse o accesso aos respectivos mercados e maior facilidade houvesse em chamar os compradores interessados.



Fig. 2.<sup>a</sup> — Evora-Monte — A antiga villa

Cabe aqui fallar das pessimas vias de communicacão entre Evora-Monte e as localidades vizinhas. Estremoz, sede do concelho, e com a qual mantem durante todo o anno frequentes relações, dista de Evora-Monte 16 kilometros, cinco dos quaes entre esta villa e a ribeira de Ter, de estrada a macadam, construida ha trinta e tantos annos e que ainda não recebeu o beneficio de uma reparação. É facil suppor em que estado se encontrará. O resto da distancia são mais uns oito kilometros de caminho velho e, a partir da casa da guarda do ribeiro da Villa, uns tres ou quatro de estrada em bom estado.

Para Azaruja, distante cêrca de 10 kilometros, ha caminhos velhos, nem sempre transitaveis, e varios atalhos. Para o Redondo, afastado

uns vinte kilometros, serve um caminho que já devia existir no começo da monarchia. Para o Vimieiro, tão afastado como Estremoz, metade do caminho é tambem primitivo.

A estação do caminho de ferro de Evora-Monte (ramal de Estremoz), fica a 4 kilometros.

Ha outras mais afastadas, é factó; mas comquanto seja importante a quantidade de carvão, cortiça, etc., que por ali sae, tambem é certo que para muitos negocios commerciaes e agricolas não aproveita o caminho de ferro.

Ora Evora-Monte é uma das freguesias do concelho de Estremoz que mais pagam para os cofres publicos; tem portanto direito a que beneficiem as suas condições de existencia, sendo o melhoramento das

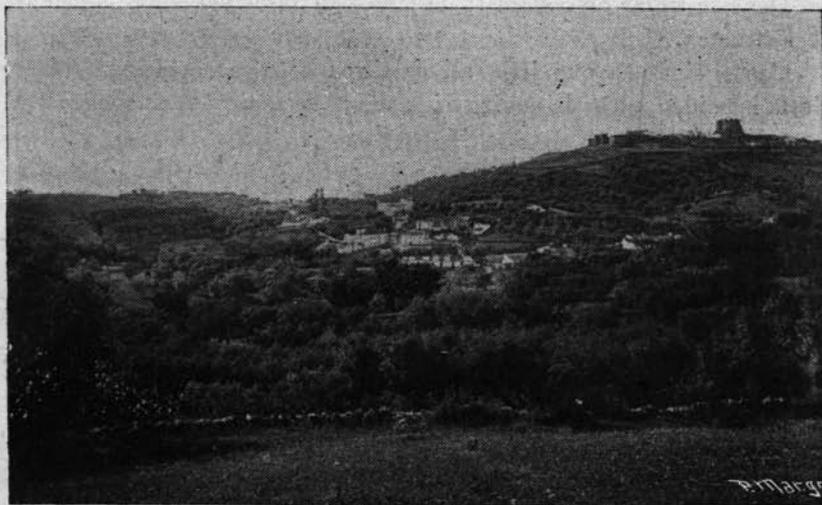


Fig. 3.<sup>a</sup> — Evora-Monte — A Baixa

vias de comunicação com as localidades vizinhas uma das suas maiores necessidades.

É tempo de dar a esta terra um pouco do que ella merece, pela paciente resignação com que se sujeita a todos os sacrificios tributarios. É tempo de acabar com o vergonhoso estado em que se encontra principalmente a estrada para Estremoz (lanço até a ribeira de Ter), reduzida a enormes e perigosos barrancos e a pedaços de rocha apparecendo aqui e ali. Faça-se justiça! Basta de desleixo!

No tempo em que existia a descentralização, quando as camaras municipaes e as juntas de parochia ainda tinham uma certa independencia de acção, a junta de parochia de Evora-Monte realizou varios

benefícios, como a construção da casa para a escola do sexo masculino; auxilio em livros e roupas a estudantes pobres, macadamização de muitas azinhagas quasi intransitaveis, escoamento de aguas, abertura de um poço no Rocio, etc. Se não surgissem as leis que tutelaram apertadamente a vida administrativa dos concelhos e parochias, outros melhoramentos podia ter Evora-Monte.

Benefícios recebidos do poder central ou do municipio, nem um se aponta!

Pois que se juntem os filhos e amigos d'esta terra, que conjuguem o seu amor patrio, a sua boa vontade e energia no sentido de conseguirem para Evora-Monte o que esta merece, o que de direito lhe pertence.

Deve-se tratar da conquista de uma cadeira de vereador na camara de Estremoz.

Conseguindo-se que haja ali uma voz a pugnar pelos interesses d'esta localidade, hão de ouvir-se por fim as reclamações da sua justiça.

\*

Um investigador consciencioso colheria em Evora-Monte interessantes apontamentos archeologicos e historicos. Em mais de um local tem apparecido vasos e armas antigas, soterrados em ruinas de velhissimas edificações.

E é de suppor que, bem pesquisados certos logares, mais alguma coisa apparecesse.

A fonte do Chafariz que, segundo a tradição popular, communicava, por meio de um subterraneo, com o castello, tem uma inscripção, referente ao Duque de Barcellos, digna de apreço.

A cinco kilometros corre a ribeira de Ter, abundantissima em peixe de primeira qualidade.

Nesta ribeira existe o afamado pego do Sino, sobre o qual parece ter havido, em tempos remotos, uma ponte, cujos alicerces ainda se percebem.

A este pego, notavel tambem pela sua grande profundidade, terror dos pescadores do sitio, que os ha e dos melhores, anda ligada a lenda de que á meia-noite de 24 de Junho se ouve ali tocar um sino, no seio das aguas.

Nos rochedos, quasi impraticaveis, que naquelle sitio são as margens da ribeira, vêem-se uns sulcos semelhantes aos que produzem os rodados das carretas e as patas dos bois. O povo crê que effectivamente passaram por ali bois conduzindo carretas.

Já que fallámos em lendas, digamos tambem que é crença popular que no poço chamado do Clerigo, nos arredores de Evora-Monte, existe uma moura encantada, que na noite de S. João vem sentar-se na borda do poço a pentear os formosos cabellos louros...

Os nomes de algumas propriedades dos arredores—Mesquitas, Dona Amada, Roque Marques, Agostinhas, Hospital, Gil de Veiros, etc., fazem crer em episodios ou factos, talvez interessantes, ligados a esses nomes. Outro assunto de valia para um investigador estudioso.

Evora-Monte tem uma escola primaria para cada sexo, regularmente frequentadas, Misericordia e hospital, celleiro commum e algumas confrariás; é sede de um juizo de paz. A Misericordia paga ordenado a um medico que faz duas visitas por semana.

As duas freguesias tem a invocação de Santa Maria (com sede na antiga villa) e S. Pedro (com sede na baixa).

Estão annexadas administrativamente.

Na herdade da Borrallheira, a uns 8 kilometros da povoação, observa-se a fonte de pedra,—uma curiosa nascente de agua ferrea, que rebenta no seio de uma grande pedra. Nasce aos borbotões, formando já a pedra uma especie de concha. No local percebe-se como que um ruído subterraneo que se suppõe ser o borbulhar da agua.

(D-O *Meridional*, de Montemor-o-Novo, n.º 805 e 806, de 18 e 25 de Novembro de 1906).

### III

Sr. Redactor d-O *Meridional*.—Li, com a alegria de quem vê referencias amigas á sua terra, os artigos publicados no seu excellente jornal em 18 e 25 do corrente. E não foi só em mim que esses artigos produziram grata impressão; posso asseverar-lhe, Sr. Redactor, que todos os filhos d'esta terra, que d'elles tiveram conhecimento, os applaudem e agradecem.

Posto que V. já tenha chamado a attenção das estações competentes para o vandalismo de que está sendo victima o castello d'esta antiga villa, permitta-me que eu tambem me refira a esse ponto com tanta mais razão quanto é certo que ultimamente esse vandalismo tem augmentado, como uma provocação ao justo pesar de quem vê destruir estupidamente uma reliquia historica e architectonica. Da abobada e arcaria da sala do primeiro andar resta uma terça parte, e as columnas, que tem bastante valor artistico, começam tambem a ser atacadas por mãos selvagens que não sabem o crime que estão commettendo!

Ora seria facil e pouco dispendioso resguardar o velho monumento de tal selvajaria, tapando as portas, com excepção de uma, com al-

venaria. A outra seria apenas fechada com uma grade ou cancella, cuja chave estaria em mão segura para o acaso de alguma visita ás venerandas ruínas. Um dos muitos reformados que ha por esse país podia ser o guarda do castello.

Como quer que seja, o que não se póde nem deve consentir sem protesto é deixar destruir, assim, estupidamente, um dos mais curiosos monumentos do nosso país e que se ergue, de mais a mais, numa terra que tem o seu nome ligado á Convenção de 1834, que pôs termo ás lutas fraticidas entre miguelistas e constitucionaes.

Appellemos para a Junta de Parochia de Evora-Monte, para a Camara Municipal de Estremoz, para o Conselho dos Monumentos Nacionaes, para o Ministerio da Guerra, para todas as corporações e individuos que tem obrigação ou devoção de velar pelas cousas patrias. Que cada corporação ou individuo em particular e todos em geral se empenhem no sentido de obstar a que o castello seja de todo abandonado e destruido.

Seria para desejar que alguém em Evora-Monte secundasse os esforços que *O Meridional* vem empregando neste sentido. Vamos, mexa-se alguém, faça-se alguma cousa, que quem trabalhar para tal fim terá cumprido um dever. Velemos pela conservação do patrimonio historico que possuimos.

A proposito da Convenção, devo dizer-lhe, Sr. Redactor, que ainda existe a casa onde foi assinado esse documento celebre na nossa historia politica. Não seria patriotico adquirir para a parochia, para o municipio ou para o Estado, essa casa que, sendo como é e sempre foi, modesta, recordaria aos vindouros um facto de grande importancia nos fastos nacionaes? A minha consciencia de portuguez diz-me que sim.

Evora-Monte, 28 de Novembro de 1906.

UM FILHO DE EVORA-MONTE.

(*D-O Meridional*, de 2 de Dezembro de 1906).

---

## A deusa Nabia

### I

*O Boletín de la Comisión prov. de mon. hist. y artist. de Orense*, III, 23, correspondente ao n.º 49 de Março-Abril de 1906, traz a boa nova de se ter descoberto a lapide que contém a inscripção publicada incorrectamente no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2524.